

# Estudo extensivo das expressões fixas e idiomáticas em córpus espontâneo do português brasileiro

Lúcia Fulgêncio (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)

luciafulgencio@hotmail.com

Quantas expressões fixas existem em uma língua? Qual é a sua frequência nos textos orais e escritos?

Essas perguntas têm grande importância para a descrição da língua. Mas não só isso: no caso de haver um grande número de expressões e sintagmas que são retomados em bloco, será preciso reavaliar o peso do componente memorizado no conhecimento de uma língua. A maioria dos modelos de análise correntes se concentra em aspectos regulares da estrutura da língua: regras e princípios de validade geral. Mas se a pesquisa empírica demonstrar que o grupo de expressões memorizadas é muito grande e muito frequente, o efeito sobre modelos composicionais pode ser impactante: nesse caso, será possível mostrar que uma parte importante da estruturação da sentença não é montada composicionalmente, como se costuma imaginar; pelo contrário, parte da sentença é retomada da memória como um conjunto já montado previamente.

Ainda que muitos linguistas tenham chamado a atenção para a primazia do léxico na estruturação do enunciado, as expressões idiomáticas ficam geralmente na sombra – às vezes tachadas de elementos marginais, excepcionais, de ocorrência quase exclusiva na língua oral coloquial, sendo tratadas como epifenômenos sem maior relevância.

No entanto, uma pesquisa ampla e extensiva sobre a ocorrência e os tipos de idiomatismos do português brasileiro expôs alguns dados interessantes. O que se pretende apresentar são os resultados dessa pesquisa, baseada em anos de coleta de dados em córpus reais e espontâneos, tanto da língua falada quanto da língua escrita. O objetivo é descritivo, e toma como base sobretudo os trabalhos de Tagnin (1989), Fernando (1996) e Gross (1996). Essa pesquisa revelou, por exemplo, fatos como os seguintes: (a) as expressões correntes no português brasileiro – aquelas que todos os falantes, de todo o território nacional, podem empregar, reconhecer e interpretar sem dificuldade – são em grande número, mais de 8.000; (b) elas são de frequência muito alta em todos os tipos de textos, não apenas orais, mas também escritos (como livros, jornais e revistas, e em especial na linguagem publicitária), como se vê nos exemplos abaixo:

(1) **A bem da verdade**, devo dizer que o árabe não é mais difícil do que o sânscrito, língua que me **pôs para correr** após seis meses de estudo. [crônica]

(2) O governo resolveu **lavar as mãos** e deixar a situação do deputado **por conta do destino**. [jornal]

Geralmente considera-se que os idiomatismos seriam típicos da linguagem oral, de um estilo coloquial e informal. Ao contrário do que se costuma pensar, o fenômeno não sofre esse tipo de restrição: a pesquisa desenvolvida comprova que a maior parte das expressões fixas não se restringe a condições de oralidade, mas faz parte da língua em geral, ocorrendo em qualquer

diamesia e em qualquer diastratia. Tomemos como exemplo a expressão *volta e meia*, que aparece em qualquer modalidade de linguagem:

(3) Na busca da eterna juventude, **volta e meia** aparece um elixir milagroso, que promete rostos e corpos perfeitos com uma ou duas agulhadas. [língua escrita: revista]

(4) **Volta e meia** eu troco as palavras e confundo *congresso* com *concurso*. [língua oral]

Há até mesmo um número expressivo de expressões fixas exclusivas da linguagem escrita formal, como nos exemplos seguintes:

(5) O santo advogado encolheu os ombros e, **à guisa de** passatempo, começou a entabular conversa com São Pedro. [livro]

(6) Cogitou até a mudar para o PSDB, **a fim de** cerrar fileiras com o governador. [revista]

E há ainda expressões fixas que só ocorrem em textos orais, ou em textos escritos dialogados que procuram reproduzir a oralidade, como por exemplo:

(7) Essa piada, **vou te contar**, foi **de lascar!**

(8) **Você, hein?** Eu fui confiar em você, e você me apronta uma dessa!

A pesquisa revelou também que as expressões apresentam convencionalidades não somente do ponto de vista semântico, mas também do ponto de vista sintático. Frequentemente não só o significado não é composicional, mas também a forma é peculiar e idiossincrática, como no caso de *quer dizer*, onde o verbo não é conjugado; ou no caso de *ficar ao deus-dará*, onde a diátese esperada do verbo *dar* não é preenchida; ou na sequência *cara ou coroa*, onde a ordem dos termos é irreversível; ou na expressão *ficar elas por elas*, onde aparece uma anáfora sem referente e numa forma marcada (o feminino). O tipo de estruturação idiossincrática das expressões fixas comprova a impossibilidade de montagem composicional, tomando como base as regras semânticas e estruturais da língua.

Conclui-se que a descrição da estrutura das línguas em termos de regras e princípios gerais despreza um importante componente que podemos chamar “anomalístico”, composto de estruturas complexas que precisam ser aprendidas uma a uma. Essa conclusão leva necessariamente a uma reavaliação das ideias correntes a respeito da criatividade da linguagem, amplia a noção do léxico de forma a incluir não só palavras mas também sintagmas já prontos, e realça a importância da memória lexical na montagem dos enunciados.

### **Bibliografia**

Gross, Gaston. *Les expressions figées en français*. Paris: Ophrys, 1996.

Fernando, Chitra. *Idioms and Idiomaticity*. Hong Kong: Oxford University Press, 1996.

Tagnin, Stella Ortweiler. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.

### **Preferência para destinação como comunicação oral**